

Entrevista a Maria de Lourdes Vasconcelos Moniz, discípula de Maria Carmina

1- Fábio Mendes (F.M.) – Em que ano e com que professora iniciou os seus estudos de piano? Durante quanto tempo estudou com ela?

Maria de Lourdes (M-L.) – iniciei os meus estudos de piano aos sete anos de idade, portanto, no ano de 1929 com Maria Carmina de Vasconcelos Moniz. Ela era minha prima pela parte materna e tia pela parte paterna. Ora, com 10 anos já cantava no Grupo Coral acompanhada ao órgão pelas minhas primas Maria Carmina e Georgina Vasconcelos. Deixei de ter aulas com Maria Carmina talvez por volta dos 20 e poucos anos. A minha professora disse que eu já estava preparada e que na altura estava pronta para a admissão a um Conservatório. A minha tia veio a minha casa pessoalmente pedir ao meu pai, seu cunhado, para que me deixasse ir às suas lições de piano.

2- F.M. - Onde tinha essas aulas? E com que regularidade?

M.L. – as aulas eram em casa dela às 2as. 4as. e 6as., cada sessão era de 2 horas. Nestas duras horas tocava uma hora uma uma do método de A. Schmoll e na segunda hora exercícios de técnica – escalas, arpejos, e já fazia uma leitura à primeira vista da lição para a aula seguinte. Quando cheguei ao volume 4 do método de A. Schmoll comecei a tocar algumas obras clássicas. Li o método de Schmoll duas vezes e na segunda vez já a minha professora encomendou duas transcrições de ópera.

3- F.M.- Qual a duração de cada aula?

M.L.-

4- F.M.- Essas aulas eram pagas? Quanto pagava por mês?

M.L.- não. Foram gratuitas porque éramos família. Os alunos que não eram família pagavam com certeza alguma coisa, não sei quanto.

5- F.M.- As suas aulas eram individuais ou em conjunto com outras ou outros alunos?

M.L.- as aulas eram individuais mas fazíamos piano a 4 mãos, eu acompanhada pela minha professora.

6- F.M.- Lembra-se de quantos alunos ou alunas tinha a D.Maria Carmina na época em que a D. Maria de Lourdes estudou com ela?

M.L.- Havia a Maria do Carmo Albuquerque, eu, a Belmira Pereira e o seu filho, meu primo Leopoldo. Quando comecei a estudar com ela éramos 4 alunos.

7- F.M.- Havia na ilha Graciosa outros professores de música e de piano nessa época?

M.L.- Houve na Praia outras professoras. D. Estela Lima deu aulas particulares mas só pontualmente. Uma outra boa professora era a minha prima Carlota Vasconcelos, dona da casa onde existe agora o Lar de São Mateus.

8- F.M.- Ainda se recorda da sua primeira aula de piano? Como foi?

M.L.- com seis anos comecei a dividir a música, a solfejar. Foram assim as minhas primeiras aulas. Quando passei para o teclado tinha de estudar duas horas por dia.

9- F.M.- Fale-nos por favor do repertório e dos métodos que a sua professora utilizou durante a sua formação?

M.L.- comecei de miúda a ser convidada para a música jazz, para integrar vários conjuntos. A minha professora tentava desviar-me da música ligeira e ofereceu-me muita música clássica – Avé Maria de Gounod, Sonho de um Anjo, O Lago de Como e outras. Para ter as partituras tinha de copiar de outras amigas e colegas. Usava tinta de goma arábica, feita com água quente para não deixar correr a tinta e usava uma caneta de bico de pato. Ainda a tenho para recordação. Também passei duas óperas completas que a minha professora tocava muito bem. Uma de Verdi e outra de Rossini, se não me engano. A minha professora tocava muitos trechos de ópera durante a missa. Às vezes no ofertório e outras vezes em Acção de Graças. Quando a substituí continuei a fazê-lo.

10- F.M.- Que recomendações lhe fazia a sua professora relativamente à posição de dedos, pulsos, etc?

M.L.- a minha professora defendia uma postura austera ao piano. As costas deviam ser direitas, muita atenção à dedilhação. Os dedos não passavam um por cima do outro. Lembro-me que ela tinha uma mão pequena e não dava uma oitava mas quem a ouvia tocar não percebia isso.

11- F.M.- Que tipo de relação mantinha Maria Carmina com as suas alunas? Era uma pessoa de afectos ou mais distante?

M.L.- era muito afectuosa com os seus alunos. Deviam ter vindo ao mundo muitas como ela. Muito meiga.

12- F.M.- E ao nível de exigência – era uma professora muito exigente?

M.L.- era exigente para se aprender como devia ser. Exigia ao máximo até quase à perfeição. Ninguém avançava uma lição sem ela estar mesmo perfeita.

13- F.M.- Quantas horas de estudo diário exigia ela?

M.L.- exigia duas horas de estudo diário.

14- F.M.- E a D. Maria de Lourdes correspondia às exigências da sua professora? Caso não o fizesse, como reagiria ela?

M.L.- sempre fiz o possível e o impossível para corresponder às suas exigências. Compreendia que era um privilégio ter aulas gratuitas com tão exímia professora. O único reparo que me fazia era “oh menina – não é assim, é assim!”.

15- F.M.- Tinha nessa época piano em sua casa para praticar?

M.L.- não. Estudava na Fonte do Mato em casa de uma familiar – D.Helena Camacho. O meu pai não queria que andasse para sempre e para baixo e então o meu pai resolveu comprar um piano num leilão, em Angra do Heroísmo. De qualquer forma eu não ía sozinha. Ía com a minha colega e amiga Belmira Pereira ou então com um empregado de nossa casa e tinha de recolher antes de acenderem a iluminação eléctrica. Certa vez, fui a Ponta Delgada com a minha mãe e meu irmão Carlos. Alugávamos casa junto ao Coliseu e rapidamente fiz grande amizade com Maria de Lourdes Paiva que também tocava piano e que acabou por ir para Lisboa tirar o Curso no Conservatório. Seu pai era escrivão do Juiz. Cheguei a ir a bordo do paquete Vera Cruz na companhia da minha amiga micaelense e de seus pais. Havia lá piano e toquei para quem estava a bordo. Ao verem a minha grande vontade para seguir carreira no piano os pais da minha colega Maria de Lourdes Paiva propuseram à minha mãe deixar-me aos seus cuidados para eu prosseguir estudos e dar aulas. Já me tinham arranjado 12 alunos. A minha mãe, a chorar, disse-lhes que não aceitava ficar sem a sua única filha. E assim se cumpriu a vontade dela.

16- F.M.- A sua professora incentivava as suas alunas a tocar em público? Faziam por exemplo audições ou recitais abertos ao público?

M.L.- não se faziam audições. Faziam-se serões particulares entre famílias. Fazia-se serão em casa do tio Manuel da Cunha Vasconcelos, em casa da prima Carlota Vasconcelos. E em outras casas. Mas naquelas onde havia piano, se a minha professora estivesse presente incentivava-me sempre para ir para o piano.

17- F.M.- A sua professora demonstrava como queria que interpretasse determinada peça, tocando-a ela própria?

M.L.- nas aulas ela não tocava. Só a ouvia tocar nos referidos serões em família e na Igreja.

18- F.M.- Havia espaço nas suas aulas de piano para falar de outras áreas, por exemplo de História ou de Teoria da Música ou até para falar sobre o mecanismo do próprio instrumento?

M.L.- falava-se exclusivamente de música.

19- F.M.- As peças que tocavam nas aulas eram escolhidas pela sua professora? OS alunos tinham direito a expressar as suas preferências?

M.L.- a minha professora é que propunha as peças que eu iria tocar. Se estivesse fora da influência dela então eu tocava aquilo que mais gostava.

20- F.M.- E caso um aluno não quisesse tocar determinada peça por ela escolhida, como reagiria?

M.L.- eu nunca me opus àquilo que ela escolhia para mim. Mas se eu estudasse uma peça fora do estilo dela, que era o clássico, ela aceitava desde que eu a tocasse na perfeição.

21- F.M.- Lembra-se de alguma peça que tenha sido particularmente difícil de aprender? Que ajuda obtinha da sua professora nestes casos?

M.L.- não me recordo. Talvez nem chegou a acontecer esta situação porque estudava e seguia todas as recomendações da minha professora.

22- F.M.- Há algum episódio engraçado da sua relação com Maria Carmina ou mais marcante que queira aqui partilhar?

M.L.- a minha tia e professora tinha grande admiração pelo repertório clássico e dizia-me muitas vezes “oh menina, a menina toca muita música de pé no ar; devia optar mais pelo clássico; nem sempre música de pé no ar!”

23- F.M.- Que idade tinha quando deixou de ter aulas com Maria Carmina? Sentia-se preparada para interpretar qualquer partitura?

M.L.- não tanto como a minha professora. Tinha as minhas dificuldades que depois sozinha aprendi a ultrapassar à medida que a experiência assim o exigia.

24- F.M.- Teve oportunidade de contactar com outras professoras ou professores de piano? Como eram eles em comparação com Maria Carmina – mais exigentes, mais simpáticos?

M.L.- conheci a família do Dr. Manuel Vitorino Amaral, em Angra, médico, cuja sobrinha Margarida Bettencourt Amaral era uma boa professora de piano. Era muito minha amiga. Já faleceu. Quando ía a Angra acompanhava-a para todos os espectáculos onde ela tocava. Até havia nessa época sessões de cinema ao ar livre na Praça de São João. A primeira vez que fui a casa dela tinha 10 anos quando fui a Angra para o casamento de meu tio João da Cunha Vasconcelos, primo da minha professora. E ficámos hospedados em casa dela.

25- F.M.- Que importância teve o piano na sua vida? A sua professora teve alguma influência na relação que a D. Maria de Lourdes desenvolveu com o piano e com a Música?

M.L.- o piano foi a coisa mais rica que eu tive neste mundo. Já em criança sonhava e brincava com o piano. Cheguei a fazer um piano com um caixote de papelão onde pintei o teclado e tinha os pedais! Foi com um saudoso amigo já falecido, Agnelo, alfaiate de profissão.

26- F.M.- Qual o nível dos outros alunos que também receberam lições de piano de Maria Carmina? Chegaram a um nível avançado como a D. Maria de Lourdes?

M.L.- nenhum dos meus colegas avançou muito porque acabaram por abandonar as aulas devido a razões diversas. Foi a mim, por exemplo, que a professora pediu para a substituir nos espectáculos de teatro porque não gostava de tocar música ligeira.

27- F.M.- Tem orgulho em ter tido Maria Carmina como professora ou se pudesse teria escolhido outro professor?

M.L.- tenho muito orgulho por muitos motivos. Desde o início – foi ela que me chamou para o piano e conseguiu convencer o meu pai, que era bastante severo para conosco. Naquela época não havia muita liberdade.

28- F.M.- A sua professora era uma pessoa de relevo na sociedade da sua época? Era apreciada pelos seus conterrâneos?

M.L.- era, sim. E muito apreciada. Não tinha maldade e tratava todos bem. Muito humana para com todos. Era a bondade em pessoa.

29- F.M.- Considera que Maria Carmina era uma mulher feliz e realizada? Teria sido ela mais feliz fora da Graciosa?

M.L.- penso eu que ela viveu muito feliz na Graciosa. O meu tio era boa pessoa e tinha uma vida completa a nível familiar.

30- F.M.- E a D. Maria de Lourdes, conseguiu realizar-se musicalmente na Graciosa? Se pudesse escolher teria saído da ilha?

M.L.- se eu pudesse escolher, escolheria deixar a ilha para continuar os meus estudos de piano. Gostaria até muito que isso tivesse acontecido. Já em Ponta Delgada tinha outro ambiente onde podia ter alargado os meus horizontes, nem precisava ir mais longe. Os meus pais não aceitaram. Primeiro foi a minha mãe. Depois foi o meu pai, que quando lhe pedi autorização para ficar em Ponta Delgada por mais tempo para me preparar para a admissão ao Conservatório e ele me responde que “as meninas precisavam de se inteirar dos afazeres domésticos e não com a instrução”.

F.M.- Muito obrigado D. Maria de Lourdes pelo seu tempo e pela sua atenção.

